

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Memória Urbana: Lembranças dos Bairros de São Gonçalo – O caso de Neves

Alix Pinheiro Seixas de Oliveira*

Resumo: Este artigo apresenta reflexões oriundas dos resultados parciais do projeto de pesquisa “históricos e migrantes”, que entrevistou dez moradores idosos, detentores de perfis heterogêneos, naturais da cidade ou vindos de outros municípios, estados ou países. Optando pelo emprego da metodologia da História Oral em sua vertente de histórias de vida, buscamos compreender as diferentes visões do desenvolvimento do município de São Gonçalo e mais especificamente do bairro de Neves.

Palavras-chave: Memória de Bairros, História de São Gonçalo, Lembranças de Idosos.

Abstract: The present article shows partial results concerning the research project called “historics and migrants” which includes ten interviews with aging inhabitants of São Gonçalo county. Oral History was the methodology chosen to preserve the rich memories of these elderly citizens, either natives or originating in other counties, states or countries, bringing different versions on the development of their neighborhoods.

Key words: neighborhood memories, History of São Gonçalo, memories of the elderly.

A História Oral e a Memória Local estão presentes na opção teórico-metodológica feita pela linha de pesquisa História de São Gonçalo: Memória e Identidade. A Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro mantém o Laboratório de Pesquisa Histórica e ligado a ele, uma linha de pesquisa voltada para a História do município de São Gonçalo. Tendo sempre como eixo fundamental a inserção da Universidade em sua comunidade circundante, desenvolvemos há alguns anos

* Mestre (University of California, Berkeley), Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

trabalho de pesquisa onde foram observadas profundas lacunas em termos de fontes documentais, principalmente no período pós 50.

Tratada com reservas pela historiografia durante algum muito tempo após sua reintrodução no Brasil, a metodologia da História Oral vem expandindo seu campo de atuação e demonstrando firmemente sua vocação interdisciplinar.

O trabalho em questão tem se desenvolvido baseado em entrevistas de moradores idosos detentores de perfis heterogêneos, a partir de uma entrevista-piloto (depoimento da professora e primeira vereadora do Município de São Gonçalo, Aída de Souza Faria).

Encontra-se já em fase de conclusão o estudo referente ao bairro de Neves, que, originalmente agrícola e já com um parque industrial em formação durante as décadas de 1920 e 1930, passa a ser o grande catalisador das políticas públicas de urbanismo durante este período. Suas ruas são calçadas anteriormente às da sede do município, os sistemas de transporte procuram ligar o distrito à capital do Estado e do país e a intensa concentração operária promove incentivos à construção de vilas, clubes, sindicatos, localizando-se aí o principal jornal da região, “A Gazeta”. Seus ares diferem das demais regiões do município que conservam suas grandes e tradicionais fazendas.

A partir desse quadro, os depoimentos dos idosos nos auxiliam a compreender uma trajetória que apresenta, hoje em dia, ruas mal conservadas, patrimônio arquitetônico abandonado ou descaracterizado e um certo ar de “cidade fantasma” em suas principais vias.

A professora e advogada Aída de Souza Faria, recentemente falecida, primeira vereadora do Município de São Gonçalo, nasceu em 6 de janeiro de 1915 na cidade do Rio de Janeiro, vindo morar naquele município ainda pequena, acompanhando a mudança da família. Sua movimentada trajetória de vida incluiu atividades de professora e diretora em vários colégios estaduais, a criação e direção de sua própria escola, a publicação de vários trabalhos sobre o município e a participação ativa em várias instituições culturais como o MEMOR e o Instituto Histórico e Geográfico, entre outros. É dela o depoimento que se segue sobre o bairro de Neves:

Mudamos-nos para o Paiva (hoje parte de Neves) ainda na década de vinte. Eu era uma menininha, mas pude assistir ao desenvolvimento

da região. Era um bairro agradável para se viver, a vizinhança era muito boa. Assisti o desenvolvimento do progresso, não só do Paiva como do bairro de Neves como um todo. Neves, com as suas indústrias, seu comércio e sua rede escolar, possuía dois jornais nos idos de antes de 1930. Tínhamos primeiro a "A Gazeta" de Abílio José de Mattos e depois tivemos a "Comarca" de Turíbio da Rosa Tinoco. A serraria Henrique Bessa, uma das mais antigas, não produzia só para Neves, mas para toda a cidade de São Gonçalo e talvez para outros municípios. Tínhamos o "Ron Merino" (fábrica de bebidas) e a fábrica de fogos Santo Antônio. Tínhamos também o Hime (Metalúrgica) que deixava divisas em São Gonçalo. O Hime foi a primeira fábrica que produziu parafusos e por onde passaram milhares e milhares de operários. Dava gosto de ver às seis e meia da manhã a movimentação de Neves, da Rua Barão de São Gonçalo, que dava entrada para o portão principal da fábrica. Às dezesseis horas aquela turma saía e já entrava outra. Por tudo isso, Neves ajudou São Gonçalo a ser chamada de "Manchester Fluminense".

No Paiva e em Neves tudo era importante e ficou registrado na história pela sua importância. Tínhamos o porto através do qual os produtos gonçalenses eram transportados em embarcações denominadas fáluas, para o mercado da Praça XV, no Rio. Todo o litoral gonçalense era rico em portos, por isso é que nós temos Porto da Ponte, Porto da Madama, Porto do Gradim...

Neves teve uma importância muito grande para a história do município, chegou a ter três deputados eleitos na década de 30, Valter Orlandini, Francisco Lima e Jerônimo de Andrade. Essa é a mostra da pujança de Neves! Um distrito eleger três deputados é uma coisa que se deve observar!

Tínhamos em Neves como condução, o bonde, que contava com funcionários muito inclinados à delicadeza e ao respeito. Eles tomavam conta até das crianças que eram levadas ao bonde em direção às escolas. Eles diziam: "pode deixar minha senhora nós olhamos". Os primeiros bondes ligavam São Gonçalo a Niterói, mais tarde a rede foi estendida até Alcântara. Era uma festa a vida em São Gonçalo!

O Largo de Neves se projetou por tudo isso, pelo progresso indiscutível que teve. Ganhou também a Vila Laje, uma vila linda construída por Henrique Laje. As casas muito bonitas, assobradadas, possuíam nas laterais e nas frentes haviam pequenos jardins floridos. A Avenida Lúcio Tomé Feiteira, ainda não era asfaltada, era de terra. Lembro que no final, aquele lugar se chamava Areal onde hoje é chamado Primeiro de Maio. À frente da Avenida Laje havia um enorme pântano, onde viviam milhares de rãs e também jacarés. Podíamos encontrar outros animais fora daquele pântano, a fauna local era extremamente rica, pois Neves era coberto por mangues.

Bem em frente da Vila Laje, do lado oposto, se situava um dos clubes mais antigos de Neves, o Carioca Futebol Clube, onde aconteciam muitos bailes, muitas festas. Por lá passaram presidentes dinâmicos, a exemplo de Tomás Soares da Silva, pai de Zizinho (antigo jogador de futebol, bastante conhecido nacionalmente).

Não podemos deixar de sublinhar os carnavais do Paiva que chamavam a atenção por suas as batalhas de confete e os banhos à fantasia, porque as festas carnavalescas daquele tempo tinham o epílogo no banho a fantasia. Muita gente de outros municípios vinha assistir o carnaval de Neves. O banho a fantasia geralmente era assim: as batalhas eram aos sábados e o banho a fantasia nas manhãs de domingo. Os ranchos vinham todos vestidos de papel crepom, de uma beleza ímpar, de uma criatividade sem tamanho. As fantasias eram lindas, tudo era cuidadosamente preparado e os cânticos muito bem ensaiados. Cada rancho vinha andando naquele balanço, ao som daquelas músicas tradicionais. Tínhamos a banda do “Patronato de Menores” e a banda do Hime, que era conhecida como a “A Furiosa do Hime”. Na manhã de domingo, os ranchos saíam de Neves naquele passo cadenciado, entravam pela travessa Paiva, atravessam onde hoje está a Avenida Progresso, perto do Rio Brandoas, e se dirigiam até a praia do Paiva. A praia era de uma beleza inesquecível, águas limpíssimas, tanto que as famílias tomavam banho ali!

O jornal “A Comarca” ficava na Rua Maurício de Abreu e a “A Gazeta” no Largo de Neves. Mais tarde “A Gazeta” transferiu-se para o centro de São Gonçalo e em 1930 foi empastelada. O Abílio José de Mattos não resistiu àquele choque. Alguns dizem que foi uma injustiça, que o jornal era imparcial, mas os que se diziam legalistas da Revolução de 30 não procuraram pesquisar e invadiram o jornal, dando aos seus diretores um grande prejuízo. Neves era de importância vital. Através de seu porto escoavam os produtos gonçalenses para o mercado da Praça XV, no Rio, utilizando embarcações denominadas faluas. Todo o litoral gonçalense era rico em portos, por isso temos até hoje denominações como Porto da Ponte, Porto da Madama, Porto do Gradim, etc...

No centro de Neves havia um café, o Café Paris. Era muito bonito, com quiosques, fontes d’água jorrando, muitos jardins, uma área muito grande. Ali era o “point” das personalidades de São Gonçalo. Dali saíam as decisões políticas, não só para São Gonçalo como para o Estado. Ali se reuniam personalidades como o Norival de Freitas (deputado), Capitulino dos Santos Júnior, Juvenal Figueiredo, o meu pai (Justiniano Pereira de Faria), Rubens e Valter Orlandine (personalidades locais).

Até 1920 Neves era conhecido apenas como Quarto Distrito. Depois dessa data passou a se chamar Quarto Distrito de Neves. Na década de 30 o Distrito de Neves chegou a ter três deputados eleitos: Valter Orlandine, Francisco Lima e Jerônimo de Andrade.

O comércio era fabuloso, tínhamos a serraria Henrique Bessa, uma das mais antigas do Município, o Hime, metalúrgica, primeira fábrica a produzir parafusos no Brasil, por onde passaram milhares de operários. Dava gosto ver às seis e meia da manhã a movimentação de Neves, na Rua Barão de São Gonçalo, para onde dava o portão principal da fábrica. Às dezesseis horas aquela turma saía e já entrava outra, uma vez que o operariado era dividido em turmas.

Na parte comercial, setor de tecidos e armarinho contava com a forte presença de sírios e libaneses. Estes foram pioneiros nesse tipo de comércio em São Gonçalo. As lojas eram enormes e nelas se encontrava praticamente tudo. Quando essas lojas foram demolidas, para que se pudesse construir naquela área, o povo de Neves ficou muito abalado, pois já desenvolvera o hábito de comprar ali e de assistir à propaganda ruidosa que era feita à porta das lojas, com “slogans” os mais inusitados.

O transporte de massa era basicamente o bonde, que contava com funcionários muito inclinados à delicadesa e ao respeito. Eles inclusive tomavam conta das crianças que eram levadas para as escolas naquele tipo de condução. O condutor andava no estribo de um lado para o outro, cobrando as passagens e o motorneiro ia na direção do veículo. Os bancos de madeira acomodavam cinco pessoas. Havia muitos bondes com reboque de carga que transportavam laranjas e tangerinas, de excelente qualidade, produzidas no Município. Os primeiros bondes ligavam São Gonçalo a Niterói, depois a rede foi estendida até Alcântara.

Por tudo isso se projetou o bairro de Neves, pelo progresso indiscutível que alcançou. Ganhou também a Vila Lage, uma bela vila operária construída por Henrique Lage, casado com Melansone Lage, cantora lírica brasileira. As lindas casas construídas eram assobradadas com jardins na frente e dos lados, pequenos jardins floridos. A Avenida Lúcio Tomé Feiteira ainda não era asfaltada, era de terra. A frente da Avenida Lage era um enorme pântano, onde se encontravam e aprisionavam jacarés e milhares de rãs.

Fui alfabetizada em casa, aos cinco anos já sabia ler. Já lia, escrevia meu nome e os dos meus irmãos. Foi minha mãe quem me alfabetizou. Embora tivéssemos muito próximas de casa algumas escolas, como o Grupo Aurélia. Quaresma e outros no Largo de Neves como o Santos Dias e o Meuclydes Picanço, minha mãe preferia alfabetizar os filhos antes que estes ingressassem na escola. Com dez anos eu havia terminado o primário.

Fragilizado pela retirada das indústrias que o caracterizavam como um bairro “operário modelo”, não encontramos na Neves de hoje os “traços idílicos” perpetuados pela memória de Dona Aída, induzindo a uma séria reflexão sobre as características de nossos centros urbanos.

Alguns resultados parciais da pesquisa foram apresentados em programa de rádio (Virtual FM – emissora educativa comunitária situada na cidade de São Gonçalo), sendo veiculados trechos dos depoimentos dos idosos entrevistados, acompanhados de debates e reflexões pelo grupo de pesquisa.

Referências Bibliográficas:

AMADO, Janaína e Ferreira, Marieta (orgs) **Usos e Abusos da História Oral**. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOSI, Ecléa. **Lembranças de Velhos**. SP: Queroz, 1983.

BROWN, Cynthia S. **Like It Was. A complete guide to writing Oral History**. New York: Teachers & Writers Collaborative, 1988.

FERREIRA, Marieta M.; Fernandes, Tânia; Alberti, Verena (orgs). **História Oral: Desafios para o século XXI**. RJ: Editora Fiocruz, CPDOC/FGV, 2000.

MEHY, José C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

....., **Reintroduzindo a História Oral no Brasil**. SP: Ed. Xamã, 1996.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. História, cativa da memória: para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais, in **Revist. Inst. Bras**, SP: 34:9-24 1992.

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares, in **Projeto-História**. PUC/SP, dez. 1993, trad. Yara Aun kou, pp. 7-28.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio” in **Estudos Históricos**. RJ, CPDOC-FGV, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

.....”Memória e Identidade Social” in **Estudos Históricos**. RJ, CPDOC-FGV, v. 5, n. 10, 1992, 200-215.

RITCHIE, Donald A. **Doing Oral History**. New York: Twayne Publishers, 1995.

THOMPSON, Paul. **The Voice of the Past: Oral History**. Oxford: Oxford University Press, 1978.